

Realidade e possibilidades para o protagonismo surdo no processo educacional¹

Reality and possibilities for deaf protagonism in the educational process

¹ Artigo produzido a partir da tese de Doutorado apresentada ao programa PPGEEProf – Doutorado Profissional em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2023).

Por Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret, Tradutora Intérprete de LIBRAS – IFRO – Campus Doutora em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Mestra em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0061145463575427>

Resumo

A pesquisa teve como objetivo identificar os impactos das aulas remotas no processo educacional dos estudantes Surdos, apresentando como resultados uma proposta educacional para o pós-pandemia sob a perspectiva dos estudantes. Para pesquisa, utilizou-se: mapeamentos, observação assistemática, registros audiovisuais e realização de grupos focais que oportunizaram novas proposições e fortalecimento do protagonismo Surdo, lançando-se novos olhares que trazem melhorias no processo educacional. Os resultados indicaram que durante a pandemia os estudantes Surdos enfrentaram muitos desafios que poderiam ter sido amenizados se fossem convidados a protagonizar seu processo educacional. Das lições aprendidas, destacamos a necessidade de novas ações de ensino nas quais eles sejam sujeitos ativos.

Palavras-chave: Protagonismo Surdo. Estudante Surdo. Aprendizagem.



Abstract

The research aimed to identify the impacts of remote classes on the educational process of Deaf students, and presented, as a result, an educational proposal for the post-pandemic from the perspective of these students. For the research, it was used: mappings, unsystematic observation, audiovisual records and focus groups that produced new propositions and strengthened the Deaf protagonism,. The research provided new perspectives that bring improvements in the educational process. The results indicated that during the pandemic, Deaf students faced many challenges that could have been alleviated if they were invited to play a leading role in their educational process. From the lessons learned, we highlight the need for new teaching actions in which Deaf Students are active subjects.

Keywords: Deaf protagonism. Deaf Student. Apprenticeship.

Introdução:

A realização da pesquisa partiu da reflexão sobre a educação de Surdos diante da pandemia do Covid-19 e a obrigatoriedade do isolamento social, quando a educação migrou do sistema presencial para as telas dos computadores e celulares e o ensino passou a ser remoto e virtual e, conseqüentemente, nos fazendo refletir sobre os impactos educacionais que essa maneira de ensinar e realizar as aulas trouxe para a educação de Surdos. Diante do cenário educacional remoto e do isolamento social que se perdurou por quase dois anos, propomos refletir, discutir e problematizar junto com os estudantes Surdos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), o modo como ocorreu a educação, quais os desafios educacionais enfrentados e ainda quais ações devem ser pensadas para melhoria da educação desses estudantes.

Para as reflexões da pesquisa, utilizamos as seguintes problemáticas: como ocorreu o acompanhamento educacional dos estudantes Surdos durante a pandemia do Covid-19? Quais foram os impactos da educação remota na escolarização dos estudantes Surdos? O que pode ser feito para recuperar a educação comprometida pela pandemia?



Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo identificar os impactos das aulas remotas nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes Surdos, visando a elaborar uma proposta educacional para o pós-pandemia da Covid-19 sob a perspectiva dos estudantes Surdos do Instituto Federal de Rondônia (IFRO).

A metodologia aplicada à pesquisa foi a pesquisa-ação, em que o referencial teórico-metodológico envolveu uma abordagem qualitativa, na qual utilizamos as seguintes técnicas e instrumentos de coleta de dados: mapeamentos, observação assistemática, caderno de campo, registros audiovisuais e a realização de grupos focais que oportunizaram o protagonismo da pessoa Surda e seu lugar de fala na construção e sistematização da proposta educacional a ser institucionalizada no IFRO.

Em toda história, a educação de Surdos enfrentou a grande problemática quanto à valorização de sua língua materna – L1 – Libras, isso porque nas escolas brasileiras é ofertada a Língua Portuguesa, pois a maioria dos alunos são ouvinte. Surge, então, a necessidade de construir uma relação dialógica entre as duas línguas, e o professor deve utilizar metodologias próprias para o ensino de Surdos que se baseia na pedagogia visual.

Diante da dificuldade existente nesse processo, em que as línguas possuem modalidades distintas e requerem práticas e conhecimento por parte do professor da língua de sinais para conseguir ensinar a Língua Portuguesa, e que não há domínio do professor na língua materna do sujeito Surdo, é necessário trabalhar em parceria com um intérprete de Libras e desenvolver estratégias e metodologias de ensino específicas e eficazes.

A parceria entre professores e intérpretes de Libras é fundamental para garantir a inclusão e a aprendizagem significativa dos estudantes Surdos. O intérprete de Libras como suporte ao trabalho docente é essencial para a construção de um currículo adaptado que atenda às especificidades dos discentes Surdos. Essa colaboração permite que as informações sejam transmitidas de forma eficaz, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem e promovendo um ambiente inclusivo (GODOI, MATTOS, MARTINS FILHO, 2024).

Para que as finalidades de aprendizagem sejam atingidas, cabe aos docentes compreender o papel do intérprete em sala de aula, pois segundo Lacerda e Santos (2013, p. 195): “devemos lembrar que esse profissional possibilitará o acesso às informações e



aos conteúdos ministrados pelo professor ao estudante Surdo, traduzindo e interpretando da língua de sinais para língua portuguesa e vice-versa”.

As dificuldades encontradas pelos Surdos no processo formativo se justificam pela questão de o ensino ser pautado na língua oficial do país, e, conseqüentemente, acarreta prejuízos para os Surdos que não dominam essa língua. Assim, durante a pandemia do Covid-19, o distanciamento social, a falta de contato com seus pares e a falta de contato diário com os intérpretes de Libras e professores afetou ainda mais esse processo, pois dependiam desse serviço/apoio para desenvolver as atividades escolares e, conseqüentemente, obterem êxito no processo formativo.

Percebe-se, diante dessa nova realidade, o choque cultural entre Surdos e ouvintes que dependem da mesma educação, o aumento da exclusão e a necessidade de ações inclusivas para mudança dessa realidade.

Educação de Surdos durante a Pandemia da Covid-19

No primeiro semestre de 2020, o mundo foi assombrado pelo surto do Corona vírus, doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2 – Covid-19. A educação presencial foi interrompida e houve a necessidade de mudar a oferta da educação, passando a ser remota.

Segundo Aljedaani et al. (2022) a pandemia de COVID-19 afetou amplamente o setor educacional e, em particular, a educação de Surdos, pois as medidas implantadas para reduzir a propagação do vírus como o distanciamento social, que levou todos ao ensino remoto impactaram severamente a educação de Surdos, pois as plataformas para ensino a distância foram pensadas para estudantes sem deficiências.

O sistema adotado, naquele período, exigia condições socioeconômicas, como as ferramentas tecnológicas, e habilidades dos estudantes para otimizar o processo de ensino e de aprendizagem remoto. No entanto, algumas questões foram ignoradas pelos órgãos competentes: estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e sem acesso às tecnologias, barreiras linguísticas e cognitivas dos estudantes. Desse modo, “ao se ofertar o ensino remoto, a exclusão desses alunos torna-se



mais um agravante diante da pandemia e das condições impostas e requeridas a muitos deles” (SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020, p.2). Assim, constatamos diversas ações educacionais paliativas que não contemplaram a educação bilíngue para Surdos, o que dificultou a efetivação do direito educacional desses estudantes.

Apesar de seu direito absoluto de acesso à informação, os estudantes Surdos foram inicialmente deixados de fora do ensino à distância sob a justificativa de constituir uma população de difícil manejo, exigindo abordagens educacionais mais especializadas. Em geral, as medidas de distanciamento social levaram à exclusão e isolamento de alunos Surdos, de instrutores que não puderam responder prontamente às suas necessidades educacionais (ALJEDAANI et al. 2022, p.2).

A educação de Surdos, em um contexto de ensino remoto ou de ensino híbrido, agudizou os processos históricos de desigualdades educacionais e de exclusão. Para Aljedaani et al. (2022, p.13) foram diversos os desafios enfrentados pelos estudantes Surdos, como: a conectividade com a internet, dificuldade com o uso das tecnologias tendo em vista que os *software* e dos aplicativos não foram projetadas para acomodar alunos com deficiência auditiva, adaptação para realização de videoconferência para aulas e atividades síncronas, acompanhar conversas com vários sinalizadores se comunicando simultaneamente e ainda a falta de tradução simultânea e todos esses desafios só potencializaram sua exclusão e prejudicou sua escolarização.

Contribuindo com esse entendimento, Alves e Gomes (2020) apontam que entre os desafios na educação de Surdos destacam-se: a dificuldade de conexão pela ausência de equipamentos adequados e/ou de conectividade, impossibilidade de acompanhamento das atividades escolares pela família, ausência de materiais que pudessem ser utilizados na realização das atividades escolares, inviabilidade de organização de uma rotina de estudos, e a pouca fluência linguística dos pais na comunicação com o(a) filho (a) Surdo (a).

Segundo essas autoras (2020), os efeitos da pandemia de Covid-19 na educação de pessoas Surdas afetaram, diretamente, a interação dos estudantes Surdos com professores e colegas; a restrição comunicacional e a precariedade do desenvolvimento linguístico dos sujeitos Surdos, e comprometeu seu aprendizado e sua participação.



Durante o período de pandemia esses estudantes Surdos tiveram um prejuízo muito grande quanto ao acesso aos conteúdos curriculares, à falta de acessibilidade comunicacional e à falta de contato com seus pares, sabendo-se que esses aspectos, se acessados, possibilitam seu desenvolvimento.

Portanto, são evidentes os inúmeros desafios enfrentados pela escola e os prejuízos na vida escolar desses estudantes.

A pandemia deixou mais evidente as desigualdades sociais e econômicas, nas quais grande parte das famílias brasileiras estão imersas. E na educação, “a disparidade se revelou principalmente quando a necessidade de estabelecer o ensino a partir de aulas remotas passou também a requerer recursos tecnológicos e pais/responsáveis pedagogicamente comprometidos com o tempo e com a aprendizagem das crianças”. E quanto aos estudantes Surdos, além dos problemas de ordem social e econômica, observam-se as diferenças linguísticas das próprias relações comunicativas com pais e responsáveis, um aspecto necessário para conversar sobre qualquer assunto, e que é fundamental especialmente para a mediação pedagógica (ALBRES; JUNG, 2021). Nesse sentido, a situação dos estudantes Surdos é duplamente agravada, pois, muitas vezes, eles são oriundos de famílias ouvintes, que não sabem ou não usam Libras.

Concernente ao fato de que, durante o isolamento social, os Surdos nem sempre contam com a atuação dos Tradutores Intérpretes de língua de sinais (TILS), ampliou as barreiras linguísticas existentes entre professores, colegas e até família. Logo, o distanciamento social tornou-se efetivamente um isolamento linguístico para esses sujeitos.

Para entendermos o processo educacional da pessoa Surda, é preciso conhecer as principais mudanças epistemológicas decorrentes da história cultural da comunidade Surda: “segue os parâmetros da desconstrução de Derrida, a arqueologia de Foucault, a teoria cultural recente, pois tem seu percurso metodológico aberto para a possibilidade de construir as diferenças, explorar as identidades e alteridades Surdas” (STROBEL, PERLIN, 2008, p.20). Esse movimento de busca vai se constituindo no novo fazer, e esse anula o passado imerso na obrigação, dominação e escrita de sua história por outros. Esse novo momento se mostra um artefato cultural para os Surdos, pois surgem novos feitos, novas interpretações no cotidiano, novas histórias, agora escritas pelo Surdo em seu lugar de fala, e



lutas de significação: a busca por educação bilíngue; por políticas para a língua de sinais no Brasil; pela abertura das portas das universidades; por posições de igualdade; por direito à presença de intérpretes de língua de sinais; por serem válidos os seus direitos de cidadãos e novos significados que motivam essa comunidade na busca de novas possibilidades.

Dentro da história cultural dos Surdos há vários artefatos culturais: a experiência visual, a linguística, a literatura Surda, a vida social e esportiva, as artes, políticas e outros. “[...] O conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2015, p. 35).

O primeiro artefato da cultura Surda é a experiência visual em que os sujeitos Surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade? (STROBEL 2015, p. 21)

Desse modo, quando mencionamos a identidade cultural nos referimos ao sentimento de pertencimento a uma cultura, na interação do sujeito Surdo com a sua comunidade. “A identidade cultural ou social também pode ser entendida como conjunto de características pelas quais os grupos sociais se definem: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos” (SILVA, 1998, p.58).

Portanto, os sujeitos não se distinguem um do outro de acordo com sua deficiência. O mais importante para eles é o pertencimento ao povo Surdo e é através de sua língua e cultura que suas identidades são definidas (STROBEL, 2015). E para a construção de sua identidade Surda, o uso da língua é essencial, pois cria a ligação entre seus pares; é através dela que se comunicam e expressam sua identidade.

Segundo Strobel e Perlin (2008), a língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante, não só nas pesquisas, mas também nas comunidades Surdas, pois vem sendo reconhecida sua importância, apesar de que, por muitos anos, tenham proibido os Surdos de usar a língua de sinais, ela sobreviveu graças à resistência contra a prática ouvintista.

Refletir sobre o processo educacional desses estudantes Surdos que estão à mercê de uma pedagogia pensada e voltada ao público



ouvinte. Para tanto, pensar sobre a educação dessas pessoas requer conhecer suas especificidades e necessidades.

Não é suficiente conhecer a Língua Brasileira de Sinais para poder atuar eficazmente na escola com o aluno Surdo, é também necessário conhecer a Cultura Surda através da participação e vivência na comunidade Surda, aceitação da diferença e paciência para inteirar-se nela (VILHALVA, 2004, p.1).

É necessário ofertar uma educação que transmita o conhecimento de um modo que o aluno entenda e que lhe permita repassar esse conhecimento aos demais. Ao captar a mensagem e retransmiti-la aos demais alunos não é ser um intérprete, mas sim ser capaz de, ao receber a mensagem em português, encaixá-la nos moldes da língua de sinais. Nesse sentido, é importante que o professor entenda que essa atitude faz parte dos processos de ensino e de aprendizagem.

Pedagogia Surda

A pedagogia Surda faz referência ao desenvolvimento natural ao usuário da língua de sinais sem a interferência da oralidade, construindo, assim, a sua identidade Surda. A maior referência dentro da pedagogia Surda é o valor da língua. Hoje, no Brasil, se reconhece a Libras, todavia ainda não temos uma Pedagogia Surda em ação. Tanto o professor, ou instrutor Surdo quanto o professor ouvinte, no espaço da educação de Surdos, devem compreender e compactuar com os valores existentes na língua de sinais e assim começar o trabalho pedagógico. O trabalho pedagógico requer muita flexibilidade e criatividade dialógica sinalizada, sempre reafirmando a importância da compreensão da cultura Surda existente.

A pedagogia Surda é a única capaz de propiciar, realmente, uma educação de qualidade, de possibilitar o desenvolvimento dos sujeitos Surdos e lhes assegura o protagonismo no processo educacional. Mas para isso “é necessário que se oportunize um período de adaptação passando primeiramente pelo conhecimento que os alunos trazem de casa [...], logo a referência pedagógica se construirá através da aproximação gradativa das demais realidades [...]” (VILHALVA, 2004, p.5).



Nessa perspectiva, o professor precisa compreender que a educação de Surdos perpassa o planejamento, a intencionalidade educativa, a metodologia de ensino adotada, a flexibilização e adaptação curricular, e também os processos avaliativos. Portanto, é preciso pôr em prática a pedagogia Surda.

A preocupação atual na educação de Surdos, enfatiza Quadros (2008, p.27), “é respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança Surda”.

Partindo desse pressuposto, é importante ressaltar que o direito linguístico vai garantir o respeito à cultura da comunidade Surda. Logo, pensar em uma proposta de ensino capaz de propiciar a esses estudantes uma educação de qualidade, é entender que “além de ser bilíngue, ela deve ser ainda bicultural para permitir o acesso rápido e natural da criança Surda à comunidade ouvinte e para fazer com que ela se reconheça como parte de uma comunidade Surda e isso só será possível quando os educadores e Surdos trabalharem juntos” (QUADROS, 2008, p.28).

Nesse sentido, o currículo deveria estar organizado a partir de uma perspectiva visual-espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, ou seja, no modelo bilíngue, pois a língua oficial da escola precisaria ser, desde o princípio, a língua de sinais brasileira. Esta “é a proposição da inversão, assim está-se reconhecendo a diferença”. A base de todo o processo educacional é consolidada através das interações sociais, onde a língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo (QUADROS, 2008, p.63).

Quando falamos em modelo bilíngue, entendemos que esse tende a ser aperfeiçoado e eventualmente superado pelas escolas, visando oferecer uma educação igualitária e de qualidade. “Nesse processo, teremos os Surdos como protagonistas e poderemos dialogar com eles um plano de igualdade, unidos por vínculos solidários na construção de um futuro melhor a todos” (QUADROS, 2008, p.41).

A voz do Surdo são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os Surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no mundo dos Surdos e ouvir as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para



tornar possível o contato entre os mundos envolvidos requer conhecer a língua de sinais (QUADROS, 2008, p.119).

Segundo Quadros (2004, p.55), a educação de Surdos no Brasil está permeada pela discussão do ensino do idioma português (oral e/ou escrito) e o uso da língua de sinais. Obviamente, tais “discussões estão contextualizadas política, cultural e socialmente”.

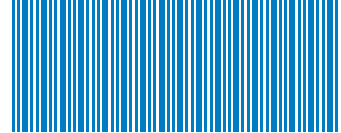
Para autora (2004, p.55-56), o bilinguismo é “uma quebra de paradigma rompendo com o clínico-terapêutico e abrindo um campo com enfoque social, cultural, político” e a partir dele se retomou a discussão da “educação” na educação de Surdos. A língua de sinais é utilizada como meio para ensinar a Língua Portuguesa e não como direito de a pessoa Surda traduzir sua experiência visual. Portanto;

A educação de Surdos na perspectiva bilíngue toma uma forma que transcende as questões puramente linguísticas. Para além da língua de sinais e do português, esta educação situa-se no contexto de garantia de acesso e permanência na escola. Essa escola está sendo definida pelos próprios movimentos Surdos: marca fundamental da consolidação de uma educação de Surdos em um país que se entende equivocadamente monolíngue. O confronto se faz necessário para que se constitua uma educação verdadeira: multilíngue e multicultural. Assim, no Brasil, o “bi” do bilinguismo apresenta outras dimensões (QUADROS, 2010, p. 35).

Desse modo, Quadros (2008) defende uma proposta bilíngue para a educação de Surdos, tornando o ambiente escolar e o currículo mais acessíveis. Para tanto, é necessário que todos os profissionais sintam a necessidade de conhecer a linguagem Libras e a incluam em seus planejamentos, levando em consideração estratégias e ações que sejam possíveis também ao aluno Surdo no cotidiano escolar.

Protagonismo do Surdo no processo educacional

Quando falamos sobre o sujeito Surdo, percebemos, na trajetória histórica, as estruturas hierárquicas da sociedade permeadas por relações de poder estabelecidas, e ao considerar o sujeito Surdo, as diversas marcas de opressões vividas por ele ao longo da sua história.



Ruzza (2020) afirma que há padrões que se naturalizaram, principalmente, quando observados por quem está do lado opressor da força, tornando-se necessário aproximar-se das questões da ocupação de lugares de poder, que tem desconsiderado as possibilidades de atuação dos sujeitos Surdos enquanto atores político-sociais. Esses padrões estabelecidos se estruturam no ouvintismo, termo no qual o Surdo é obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte, logo, esquecendo e não valorizando sua cultura e identidade Surda.

Partindo desse princípio, Ruzza (2020) destaca que é urgente a necessidade de emancipação dos sujeitos Surdos, de modo que avancem em seu protagonismo, fazendo com que sua participação, em diferentes instâncias da sociedade, possibilitem a ampliação de suas experiências para conhecer outras narrativas, perspectivas e contato com seus pares.

Portanto, o protagonismo do Surdo emerge como potência na participação social e política desses sujeitos a fim de buscar estratégias de rompimento das representações e padrões solidificados. Nesse aspecto, Ruzza (2020, p. 38) considera;

O ser Surdo como potência no constante aos aspectos linguísticos, culturais e identitários e afirma que o protagonismo Surdo irrompe com a visão do corpo danificado, estabelecendo uma perspectiva da emancipação do sujeito e valorização da existência como direito fundamental humano.

Ruzza (2020, p. 46) afirma que “os movimentos sociais dos grupos de pessoas com deficiência, até então em extrema marginalização, firmam-se como registros históricos no processo de emancipação e bases políticas de resistência”. Logo, o lema “Nada sobre nós, sem nós” (SASSAKI, 2007) é utilizado até os dias atuais como afirmação do direito que esses sujeitos têm de participar ativamente enquanto cidadãos nos diversos contextos da sociedade.

Pensar sobre a educação de Surdos e em seu protagonismo requer reconhecer quem são esses indivíduos que fazem parte da sociedade, quais são suas especificidades e concepções socioantropológicas em que percebem suas diferenças linguísticas e culturais em uma perspectiva positiva. Logo, “o currículo deve visar o rompimento dos paradigmas não Surdos, promovendo assim a participação de Surdos, colocando-os no papel de autores” (RUZZA, 2020, p. 60).



Entendemos que, a partir dessa participação, esses sujeitos poderão fazer escolhas, questionar, opinar e buscar uma educação não padronizada na maioria linguística. Sabemos que aproximar o Surdo da instância de discussão e decisão como propõe o currículo, trará contribuições para desmaterializar o poder constituído aos não Surdos (RUZZA, 2020). Todavia, nem sempre é esse o interesse dos ouvintes, pois esperam que os Surdos se adaptem e se ajustem ao mundo ouvinte e não o contrário, conforme defendido pela inclusão.

Desse modo, “considerar a participação de vários atores sociais aumenta exponencialmente a chance de garantir mais direitos e tornar a sociedade mais próxima da riqueza da diversidade humana e, portanto, do respeito às diferenças” (RUZZA, 2020, p. 61).

Evidenciando o protagonismo do Surdo, Ruzza (2020, p. 67) destaca que isso significa colocar “o sujeito Surdo como ator principal na narrativa de sua história de vida, deixando-o livre para que transite em qualquer instância e contexto, apresentando suas diferenças linguísticas e culturais como parte de sua condição e potência humana”. A autora (2020) enfatiza que ao se pensar em protagonismo do Surdo como centralidade do currículo, o lema “Nada sobre nós, sem nós” deve ser priorizado, pois se propõe a representatividade dos sujeitos nos contextos educacionais. Desse modo, os aspectos intelectuais, organizativos e procedimentais devem estar sempre pautados na questão linguística e cultural, sem esquecer a epistemologia Surda como pano de fundo de todos os planos e ações pensados, pois garante o lugar para expressão do Surdo, promovendo a resistência da comunidade Surda, dentro e fora do contexto escolar.

Metodologia aplicada na pesquisa

A pesquisa realizada se classifica como pesquisa-ação de cunho qualitativo, utilizando como técnicas e instrumentos de coleta de dados: mapeamento dos estudantes Surdos matriculados nos *campi* do IFRO, observação assistemática, caderno de campo, registros audiovisuais e realização de grupos focais, sendo dividida em cinco etapas.

Como critério de inclusão para participação na pesquisa, foram requisitados os seguintes critérios: a) ser aluno Surdo regularmente matriculado nos cursos do ensino médio ou nos



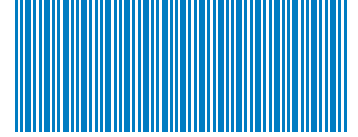
cursos de graduação dos *campi* do IFRO; b) Ser professor lotado nos cursos que tenha estudantes surdos matriculados; c) Ser profissional lotado ou membro do NAPNE; d) Ser intérprete de Libras do IFRO; e) Ter assinado o Termo de Assentimento ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como exclusão, todos que não atenderem aos critérios estabelecidos.

Primeira etapa: realização do diagnóstico inicial a partir do mapeamento do quantitativo de alunos Surdos, cursos nos quais estão matriculados, maiores dificuldades no processo educacional, além de entender as metodologias e recursos utilizados para a acessibilidade dos estudantes. As questões do mapeamento são apresentadas nas análises da pesquisa, evidenciando as respostas dos *campi* do IFRO.

Segunda etapa: Apresentação do projeto de pesquisa, objetivos, execução, justificativa e relevância da pesquisa aos possíveis participantes da pesquisa, via reunião pelo *google meet* (agendado com os *campi*). Nessa etapa foi dada a oportunidade aos participantes de apresentarem as problemáticas vividas, sugestões de estudos e necessidades de aprofundamento teórico. Indagou-se também sobre como vêm ocorrendo os atendimentos ao estudante Surdo, quais são os trabalhos já realizados nos *campi*, qual apoio é dado aos professores e aos alunos, quais são as dificuldades encontradas e como estão o desenvolvimento e a motivação desses estudantes no processo formativo. Esses dados foram registrados no caderno de campo e utilizados posteriormente na elaboração do plano de ação da pesquisa, visando a escolha e a seleção dos materiais que serão discutidos nos grupos focais.

Terceira etapa: Elaboração do planejamento para execução dos encontros e estudos dos grupos focais. Os dados coletados no diagnóstico inicial e no segundo encontro subsidiaram o planejamento das etapas seguintes da pesquisa e sua execução. Todos esses textos foram organizados e sistematizados através do CANVA – Plataforma de design gráfico que permite aos usuários criar apresentações e disponibilizar no modo on-line e em versão PDF e ainda manter no arquivo pessoal de criação sem riscos de perda do material produzido.

Sabendo-se que para realizar as leituras escolhidas para discussão nos grupos de estudo é exigido fluência na língua portuguesa, sendo essa a segunda língua das estudantes Surdas, todos os textos foram sistematizados, gravados em vídeos com a tradução em Libras.



Quarta-etapa: realização dos grupos focais - discussões e estudos sobre as problemáticas identificadas e temas pertinentes. Com o quantitativo de participantes, foi optado por um único grupo focal, sendo realizado 4 encontros para discussões. Nos encontros do grupo, foram discutidas as possibilidades para a melhoria do processo formativo dos estudantes Surdos, considerando-se, sobretudo, os desafios enfrentados com o ensino remoto e a possibilidade de serem transformados em estratégias didáticas para o ensino presencial - pós-pandêmico. Tivemos o quantitativo de 13 participantes que preencheram o TCLE e aceitaram participar da pesquisa, sendo: 03 Professores, 02 Profissionais lotados no NAPNE, 06 Intérpretes de Libras, 01 Estudantes Surdas - Graduação, 01 Estudante Surda do curso Técnico Subsequente.

Os encontros do grupo focal propiciaram a vivência das realidades, perspectivas e reflexões, além das discussões e dos estudos centrados nas peculiaridades dos *campi*. Acredita-se de suma importância ouvir cada pessoa envolvida na pesquisa, pois, visando-se as estudantes Surdas na condição de protagonistas na ação, e analisando-se o ponto de vista individual a partir dos constructos teóricos de autores (as) Surdos (as) e ouvintes, foi possível construir uma proposta educacional que atendesse aos anseios das estudantes e que contemplasse a real necessidade educacional.

Durante a execução dos encontros do grupo focal, foi ofertada a acessibilidade comunicacional às estudantes Surdas. A pesquisadora é tradutora intérprete de língua de sinais (TILS) e ajudou nas interpretações, além de haver o apoio dos demais TILS participantes da pesquisa e servidores terceirizados do IFRO que se dispuseram a contribuir nesse trabalho de interpretação.

Para realizar os encontros do grupo focal adotaram-se os referenciais teóricos na perspectiva de autores(as) Surdos(as) e autores ouvintes, tais como: Karin Lilian Strobel, Gladis Perlin - surdas; Ronice Miller Quadros, Audrei Gesser - ouvintes. Durante a realização dos encontros desse grupo foram realizadas as gravações em registros audiovisuais, que permitiram a análise posterior de todos os momentos do encontro, das falas dos participantes/colaboradores da pesquisa, e a interpretação dos pontos de vista expressos pelas protagonistas - estudantes Surdas. Considera-se que os grupos focais permitiram o diálogo entre os colaboradores, estudos compartilhados, debates, reflexão conjunta, análises de cada envolvido, e possibilitaram a materialização de pensamentos coletivos na organização do produto educacional da pesquisa.



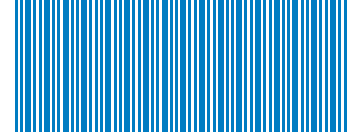
Quinta etapa: Análise dos dados da pesquisa. Nessa etapa, utilizou-se a metodologia de análise prescritiva que propõe ações ou soluções com base dos dados analisados, sendo considerados os pressupostos teórico-metodológicos dos autores que fundamentaram o estudo, os métodos de ensino e práticas educacionais aplicadas em tempos de pandemia e pós-pandemia, e a sistematização e construção coletiva de uma proposta educacional em formato de produto educacional para ensino de Surdos, foi baseada nos dados coletados desde a na primeira etapa da pesquisa e pensando na perspectiva desses estudantes e no lema “nada sobre nós, sem nós” (SASSAKI, 2007).

A sistematização do produto educacional, concebida como Plano de Ação, traz proposições necessárias a serem implantadas no Instituto Federal de Rondônia, no qual foi encaminhado à Pró-reitora de Ensino (PROEN) do IFRO para que seja analisado a viabilidade de implementação nos *campi* do IFRO. A PROEN sendo a unidade gestora do ensino em todas as unidades é a única capaz de autorizar a institucionalização e execução do plano de ação. Desse modo, acredita-se que o plano de ação, contempla as necessidades do IFRO vistas sob a óptica das estudantes surdas e demais participantes da pesquisa.

Processo Educativo dos Surdos: resultados da pesquisa

No levantamento inicial da pesquisa, realizado nos 10 *campi* do IFRO, apenas quatro possui estudantes Surdos matriculados: Ji-Paraná, Vilhena, Guajará Mirim e Porto Velho – Calama. Esse demonstrativo faz com que se reflita sobre o acesso desse público aos Institutos Federais (IFs), pois é um quantitativo pequeno se comparado ao de alunos matriculados na rede estadual de educação básica que totalizou 189 estudantes Surdos, segundo o último relatório de monitoramento e avaliação (2015-2019) do Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Na realização dos encontros do grupo focal, a realização de estudos, debates e reflexões acerca da temática da pesquisa proporcionou troca de experiências e vivências entre os *campi*, pois foi oportunizado o posicionamento da realidade e vivência de cada unidade através das falas e discussões, além de fazer desse momento um espaço de debates e estudos, proporcionando novas aprendizagens e conhecimentos.



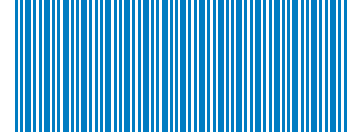
Nas discussões dos grupos focais foi possível refletir sobre a acolhida dos(as) estudantes Surdos (as) após o retorno das aulas presenciais. Sabe-se que durante quase dois anos a educação aconteceu de forma remota devido à pandemia e com a volta das aulas presenciais, foi preciso haver sensibilidade e empatia com todos os estudantes, pois a pandemia acarretou alguns prejuízos educacionais, e por mais que tenha havido esforços, não foi possível oferecer a mesma qualidade na educação.

A educação sofreu diversos impactos, pois a pandemia pegou o mundo de surpresa. As escolas e estudantes não estavam preparados tecnologicamente para essa mudança, para o uso de recursos e criação de conteúdos digitais que facilitassem a aprendizagem dos estudantes, considerando-se que seriam postados em ambiente virtual e somente uma porcentagem da carga horária da disciplina, aconteceu de forma síncrona com os estudantes. Outro ponto a ser considerado foi a desigualdade social, pois nem todos os estudantes tinham acesso à tecnologia ou dispunham de recursos e espaços ideais para aprendizagem e acompanhamento das atividades. Em consequência, houve uma perda muito grande na qualidade do processo educacional.

É preciso refletir sobre todo período pandêmico e pós-pandêmico, de modo a utilizar os recursos que se aprendeu, desenvolveu e se utilizou na pandemia para contribuir ainda mais com as aulas presenciais, pois é preciso continuar a oferecer acessibilidade pedagógica, atitudinal e linguística, além continuar com o uso das tecnologias que favoreceram e oportunizaram a aprendizagem. Em resumo, não abandonar o que de positivo se aprendeu como a importância dos recursos tecnológicos, que foram de grande relevância para a aprendizagem desses(as) estudantes.

Durante a pesquisa foi apresentado aos participantes uma seleção das principais autoras Surdas na área de educação de Surdos e que faziam parte da pesquisa, evidenciando o destaque dessas autoras em diversas pesquisas, realizadas por Surdos ou por ouvintes, no intuito de fortalecer a temática de pesquisa.

Acredita-se que esse modelo de representatividade Surda fortaleça a identidade e o protagonismo dos demais Surdos, e faz com que se apropriem desse protagonismo para avançar no processo formativo.



Ficou evidente, nos grupos focais, que o protagonismo vai além dos muros da escola, sendo preciso pensar que os Surdos não devem ser somente protagonistas no processo educacional, mas também na vida e nas profissões que escolherem seguir. Também foi evidenciado em todas as discussões, a necessidade de autonomia da pessoa Surda, pois muitas vezes, devido à superproteção familiar, lhe tiram esse direito. Logo, ressalta-se que é preciso dar-lhes autonomia para acreditarem em seu potencial.

Percebe-se a necessidade de reestruturar o currículo pedagógico para aproveitamento dos recursos pictóricos (imagens/ilustrações) e de sinais, pois, o currículo existente é adequado apenas ao estudante ouvinte. Portanto, é preciso implementar a língua de sinais nos currículos escolares, assegurar a presença do professor Surdo e do intérprete profissional em sala de aula e alfabetizar as pessoas Surdas através do bilinguismo.

Nessa visão, destaca-se a importância da formação docente que contemple o verdadeiro sentido da educação: que é formar seres humanos com potencialidades, habilidades e competências para atuar na sociedade com autonomia. Portanto, para ser possível empoderar o protagonismo dos (as) estudantes Surdos (as) são necessários professores que entendam a importância de dar alteridade a esses sujeitos, de encorajá-los, e, acima de tudo, com capacidade de ofertar-lhes uma educação de qualidade.

Outro ponto bastante recorrente nas narrativas dos grupos focais foi quanto à necessidade de materiais didáticos voltados ao ensino de Surdos. Sabe-se que, nesse cenário, emerge a importância de materiais didáticos específicos que possam potencializar os processos de ensino e de aprendizagem do estudante que tem o direito a Libras. Atualmente, não há materiais didáticos que proporcionem o acesso dos Surdos; ainda há a dificuldade de sinais de termos técnicos específicos dos cursos.

Ao longo dos estudos, nos debates e discussões produzidos nos grupos focais para a elaboração do produto educacional, foi necessária a escuta sensível, a empatia, o pensar sobre as ações inclusivas existentes no IFRO e nas ações que ainda precisam ser implementadas, além de refletir sobre as políticas linguísticas necessárias para se construir as proposições que contribuirão para a educação desses estudantes Surdos.



Nesse sentido, afirmam-se as narrativas das estudantes Surdas que destacam a necessidade de produção e criação de dicionários – sinalários de Libras específicos para cada curso, criado pelos estudantes e intérpretes de Libras.

Quando se fala em elaboração de um dicionário digital por cursos, a intenção é a de levar os (as) estudantes a exercerem seu protagonismo no processo educacional, pois esse dicionário teria como base de proposta: o estudo dos termos; o real entendimento do sentido e significado de cada termo; criação do sinal junto com seus pares; gravação em vídeo dos sinais em Libras; edição com legendas para o português; difusão dos dicionários para todos os estudantes do curso e professores; e disponibilizá-los no acervo digital – biblioteca do IFRO, que, com o uso das tecnologias ali disponíveis, poderiam ser acessados por todos os *campi*. Acredita-se que essa ação seria um marco nas ações de inclusão e acessibilidade do IFRO, além de ser referência na difusão da língua de sinais.

Sabe-se que o IFRO dispõe de recursos tecnológicos suficientes, além de profissionais competentes que poderiam auxiliar nessa demanda. Sob essa perspectiva, defende-se o trabalho baseado na perspectiva da pedagogia visual, em pressupostos teórico-metodológicos que valorizam a língua, a identidade, as experiências visuais e a cultura do povo Surdo. Com base nessa pedagogia, o trabalho poderá promover a equidade, a acessibilidade e a autonomia linguística desses estudantes.

Os debates e discussões culminaram na construção do produto educacional encaminhado à Pró-reitora de Ensino (PROEN) do IFRO com a esperança de implantação nas unidades da rede. Ressalta-se que toda a construção do produto educacional foi executada em função do objetivo geral da pesquisa que visava identificar os impactos das aulas remotas nos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes Surdos e elaborar uma proposta educacional para a “nova normalidade”, o pós-pandemia, e tudo pautado na perspectiva dos estudantes Surdos.

O produto educacional (Plano de Ação), em sua proposta, apresenta objetivos e metas a serem atingidos para empoderar os(as) estudantes Surdos (as) do IFRO e promover seu protagonismo no processo de ensino e aprendizagem, logo, propiciar melhorias no processo educacional desses estudantes. Nele também constam as necessidades do IFRO a partir da ótica das estudantes Surdas e demais participantes desta pesquisa para



efetivar o processo de inclusão dos estudantes Surdos no IFRO: curso de formação de professores em Libras, curso de formação continuada aos TILS; estruturação de políticas linguísticas no âmbito do IFRO; criação de um núcleo de acessibilidade e difusão da língua de sinais no IFRO. Além disso, estão inclusas as metodologias de aplicação para cada necessidade apresentada.

Esse curso de formação foi sugerido pelos participantes desta pesquisa devido à falta de comunicação entre professores e estudantes, pois sabe-se que muitos(as) professores(as) não possuem nenhum contato com os estudantes Surdos, além de não terem conhecimento sobre a cultura e a identidade Surda.

Nessa justificativa, o curso de formação oferecerá oportunidade de aprofundamento acerca da inclusão de estudantes Surdos, tomando como base a legislação educacional, garantindo uma educação de qualidade. Logo, percebe-se a importância da qualificação dos professores ouvintes no processo de ensino-aprendizagem de alunos Surdos, por meio da Língua Brasileira de Sinais – Libras, sob a ótica do bilinguismo.

O curso de formação de TILS, justifica-se pela necessidade de ampliar conhecimentos, habilidades e/ou técnicas na área de *práxis* de tradução e interpretação educacional, fomentando o aprimoramento no uso e na fluência contínua da Libras e no uso da tecnologias. Logo, o objetivo é desenvolver habilidades técnicas da área da tradução e interpretação, no contexto educacional de nível médio e técnico, superior, no uso dos recursos midiáticos e tecnológicos pertinentes às estratégias envolvendo questões linguísticas – Libras e Língua Portuguesa.

No que tange à estruturação de políticas linguísticas no âmbito do IFRO, Nogueira (2020, p.76) aponta que essas políticas se referem a decisões sobre as relações da sociedade e das pessoas com as línguas, as quais têm relação, basicamente, com decisões em âmbito mundial, nacional, estadual, municipal ou familiar sobre o uso da(s) língua(s). Partindo-se desse pressuposto e da necessidade de refletir sobre ações que valorizem e respeitem as diferenças linguísticas existentes entre Surdos e ouvintes, torna-se necessária uma política linguística no âmbito do IFRO que respeite e valorize a língua de sinais brasileira (Libras).

No tocante à criação de um núcleo de acessibilidade, os participantes da pesquisa consideraram-no necessário para a promoção da acessibilidade dos estudantes Surdos do IFRO e



da comunidade externa. O núcleo deverá ofertar acessibilidade comunicacional em todos os documentos institucionais divulgados na comunidade interna ou externa através de seu canal institucional (site), entre os quais: editais, resoluções, calendário acadêmico. Ofertar ainda materiais didáticos em Libras, materiais digitais como dicionário dos termos específicos dos cursos, criados em parceria com os estudantes Surdos, TILS, professores e instrutores de Libras.

Quanto à difusão da Libras no IFRO, entende-se que há necessidade de mais investimento em cursos de extensão e de formação continuada, atendendo a comunidade externa e interna dos *campi*.

Para finalizar o produto educacional, apresenta-se, como sugestão, a criação de murais em todos os *campi* (parte principal de acesso) com apresentação do alfabeto em Libras, e saudações básicas. Essa criação vai incentivar e despertar o interesse pela língua de sinais e difundi-la.

Considerações finais

Conclui-se este estudo compartilhando as sábias palavras de Vieira-Machado (2010), as quais provocam a reflexão sobre a liberdade linguística que, às vezes, é tirada das pessoas Surdas, deixando-as sob a opressão de uma maioria linguística. Percebe-se que o motivo de o país ainda se considerar um país monolíngue ocorre pela proibição de uso de outras línguas no território nacional. Logo, acarretam reflexos negativos até os dias atuais, deixando os Surdos muitas vezes oprimidos pela maioria linguística.

Partindo-se desse pressuposto, na pesquisa ora apresentada faz-se uma investigação aprofundada no mundo Surdo, sob a ótica dos estudantes sobre o seu processo educacional e formativo até a sala de aula e sob os reflexos dessa educação durante a pandemia e pós-pandemia.

As angústias e as inquietações que deram origem a esta pesquisa ganharam aliados para colocá-los em análise. Consideramos aliados os (as) participantes da pesquisa que contribuíram na busca por respostas as inquietações da pesquisa. Tendo como objetivo geral fortalecer as ações de inclusão em



busca de mudanças significativas no processo educacional dos estudantes, ora protagonistas da pesquisa. Assim, o produto educacional nomeado de “Plano de ação” concretiza todas as reflexões, discussões e apontamentos dos participantes da pesquisa e vislumbra o empoderamento dos(as) estudantes Surdos (as) no IFRO, possibilitando-lhes assumir a autoria de sua biografia, dando-lhe voz e vez no processo educacional e na sociedade.

Percebe-se que ainda há muito a ser feito, mas os Núcleos de Atendimento as Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNES) atuam incansavelmente em prol de uma educação inclusiva que se baseie na equidade de oportunidades e na oferta de uma educação de qualidade. Logo, esses núcleos buscam o aprimoramento e a intensificação do desenvolvimento e do uso de tecnologias e metodologias educacionais que propiciem aos estudantes, público-alvo da educação especial, êxito no processo formativo.

Conscientes da necessidade de garantia de direitos aos estudantes Surdos, propõe-se um produto educacional que contempla: a formação de professores; formação continuada dos TILS; estruturação de políticas linguísticas no âmbito do IFRO; criação de núcleo de acessibilidade; e incentivo à difusão da língua de sinais, ações estas necessárias para o fomento de uma educação de qualidade e equânime aos estudantes Surdos.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A; JUNG, A.P; Surdos e a educação Bilíngue em tempos de pandemia: o enunciato de professor em análise. **Fórum de Linguística**. Florianópolis/SC, v. 18, n° 4, p. 7029-7043, Out/Dez, 2021.
- ALFEDAANI, et al. If online learning works for you, what about deaf students? Emerging challenges of online learning for deaf and hearing-impaired students during COVID-19: a literature review. **Universal Access in the Information Society**. 25 July 2022. <https://doi.org/10.1007/s10209-022-00897-5>. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10209-022-00897-5>. Acesso: 30 dez 2022.
- ALVES, J.F. GOMES, J. S. Educação de Pessoas Surdas em Tempos de Pandemia: Linguagem e Relação de Poder. **Revista Interinstitucional de Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6 – N.



Especial – pág. 325 -338 – (jun. – out. 2020). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51903/35507>. Acesso em: 04 jan 2023.

GODOI, Jonas Bento de; MATTOS, Alan Marlon de; MARTINS FILHO, Lourival José. O intérprete de Libras como suporte ao trabalho docente: parceria de trabalho visando ao discente Surdo. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n^o 19, 4 de junho de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/29/19/o-interprete-de-libras-como-suporte-ao-trabalho-docente-parceria-de-trabalho-visando-ao-discente-Surdo>.

LACERDA, C.B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos Surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n.46, p. 68-80,1998.

LACERDA, C. B. F; SANTOS. L. F. Tenho um aluno Surdo, e agora? Introdução à Libras e Educação de Surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

QUADROS. R.M. Educação de Surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. de A. (Org.). **Temas em educação especial IV**. São Carlos: EdUFSCar, p. 55-61. 2004. Disponibilizado em: https://www.researchgate.net/publication/242258822_Educacao_de_Surdos_efeitos_de_modalidade_e_praticas_pedagogicas. Acesso em: 02 ago 2022.

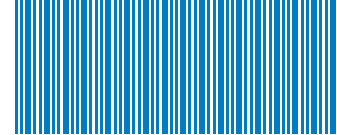
QUADROS, R.M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, reimpressão 2008.

QUADROS, R. M.O 'BI' em bilinguismo na educação de Surdos. In: FERNANDES, E. (Ed.), **Surdez e bilinguismo** (p. 27-37). Mediação, 2010.

RUZZA, M.L.F.de. Protagonismo Surdo: Currículo como construção da autoria. 2020. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SÁ, N.R.L. **Cultura, poder e educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SASSAKI, R.K. **Nada sobre nós, sem nós**: da integração à inclusão, 2007. Disponível em:



<https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%c3%93s-sem-n%c3%93s1.pdf>. Acesso em: 11 dez 2021.

SILVA, T.T. **Contrabando, incidentes de fronteira**: ensaios de estudos culturais em educação. Ed.Vozes: Porto Alegre, 1998.

SHIMAZAKI, E.M; MEGENASSI, R.J. FELLINE, D.G.N. Ensino remoto para alunos Surdos em tempos de pandemia. **Revista: Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e 2015476, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 25 ago 2022.

STROBEL, K.L; PERLIN, G. **Fundamentos da educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras/Línguas Brasileira de Sinais. Florianópolis: Ed. UFSC 2008.

STROBEL, K.L. **As Imagens do outro sobre a cultura Surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

UNESCO. **Perdas na aprendizagem pelo fechamento de escolas devido à Covid-19 pode empobrecer uma geração inteira**. 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/perdas-na-aprendizagem-pelo-fechamento-escolas-devido-covid-19-pode-empobrecer-uma-geracao>. Acesso em 23 jul 2022.

VILHALVA, S. **Pedagogia Surda**. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8.pdf>. Acesso em: 24 jul 2022.

Recebido em: 05/06/2024

Aprovado em: 05/08/2024

